



Este Suplemento é parte integrante do jornal «Diário do Sul» e não pode ser vendido separadamente.

Festival de Curtas de Vila do Conde 2005

Uma edição bem animada

Mesmo em ano de alguma contenção orçamental, a organização de Vila do Conde voltou a mostrar-se competentíssima e lubrificada para aquele que se tornou há muito no mais desejado dos festivais de curtas metragens em Portugal. Estivemos na cerimónia de encerramento para ouvir as decisões do júri e vimos também os filmes premiados, que aqui passamos em revista.

Texto: Alexandre Nunes de Oliveira
Fotos: Mariana Doz

No cinema, como em tantas outras coisas, há anos que dão melhores colheitas que outras, já se sabe. Os festivais servem de barómetros deste fluxo de altos e baixos. Na sua 13ª edição, que ocorreu entre 2 e 10 de Julho, o Festival Internacional de Curtas Metragens de Vila do Conde mostrou-nos animação de grande nível, documentários convincentes, mas não prodigiosos, e uma secção de ficção bastante aquém de outros anos, tanto no panorama nacional como no internacional. Afortunada, a aposta por ampliar o programa aos campos da música, com a apresentação de vários filmes-concerto, e da video-arte, através do magnífico espaço que constitui o Solar – Galeria de Arte Cinemática.

Ficção sem fricção

No sábado, dia 9, enquanto o cair da noite dissipava o tórrido calor que se fez sentir durante toda a tarde, o Auditório Municipal, sede do Festival, revestiu-se para uma cerimónia de clausura bastante informal, em que foram anunciados os prémios. Entregues, apenas alguns, dada a ausência de boa parte dos realizadores estrangeiros distinguidos. Neste particular, coube brilhar ao francês Arnaud Simon, que recebeu de resto um dos galardões mais importantes, o Grande Prémio de Ficção «Cidade de Vila do Conde», pela obra «Un Camion en Réparation». O realizador entusiasmou-se deveras e, expressando-se num inglês macarrónico muito superior a qualquer dos actores de *Allo Allo*, tentou convencer a audiência que ponderava seriamente mudar-se para Vila do Conde, visto ter encontrado a felicidade ao contemplar uns velhotes a jogar cartas num café local.

A curta, que não foi assim tão



«A Serpente», título incompreensível para o filme premiado de Sandro Aguilar, sortilégio de manequins fantasmagóricos. Prémio UIP Vila do Conde e Menção Honrosa Competição Nacional.

curta no ritmo lento dos seus quase três quartos de hora, apresenta um conto de verão provençal de inspiração rohmeriana, mas em versão gay, sobre o romance de pouca dura entre um jovem universitário desacertado e um jardineiro maduro mas sem ambições. À sua volta, gravitam personagens femininas de pouca intervenção, mas comentários certos. O prémio activa a nossa suspeita de que a competição oficial de ficção não foi transcendente, este ano. E o mesmo se pode dizer da concorrência lusa, que já viu melhores índices. Para «Melhor Curta Metragem Portuguesa» foi convocada «Documento Boxe», de Miguel Clara Vasconcelos, um razoável trabalho de pesquisa nos meandros nacionais deste desporto, exibindo uma galeria de personagens e situações caricatas, mas sem uma tese ou um fio condutor que justifique a sua arredondada hora de duração. Do ponto de vista técnico, a fotografia também não é excepcional e o som deixa muito a desejar ouvir-se. Sorte que passou legendado em inglês.

A verdade é que a alternativa apresentada por Sandro Aguilar com «A Serpente» também não persuade a cem por cento. Joga pelo cinema contemplativo a que

quando subiu ao palco para receber os prémios. Afinal, já não é a primeira vez que Sandro Aguilar sai distinguido de Vila do Conde.

De resto, mais lusitanos premiados só nas categorias de acesso exclusivamente nacional: primeiro, o Prémio Take One!, para filmes produzidos no âmbito das escolas de cinema do nosso país, repartido ex-aequo (e merecidamente) por Vitor Santos («Ctrl Alt Fly») e João Salaviza («Duas Pessoas») – sendo que este último aproveitou a entrega de prémios para uma astuciosa campanha de angariação de produtores para o seu novo projecto; segundo, o Prémio Jovem Cine-

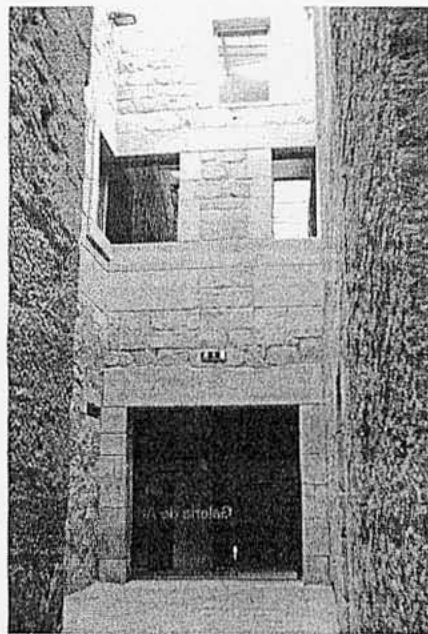


«Documento Boxe», título evidente para o filme premiado de Miguel Clara Vasconcelos, cuja legendagem em inglês foi por vezes providencial. Prémio Melhor Curta Metragem Portuguesa.

já nos acostumou o autor, desta feita a partir do olhar de uma criança, que depois avança para a diabolização sinistra de manequins expostos numa loja de vestuário fora de moda. Aguilar insiste na busca da imagem perfeita, mas perde na viagem a noção do tempo, com sucessões de planos fixos que nada acrescentam uns aos outros. A fita acumulou uma Menção Honrosa na Competição Nacional com o Prix UIP Vila do Conde para a Melhor Curta Europeia - e foi com surpresa que escutamos do realizador «estar surpreendido»,

asta Português - IPJ, para João Seabra, e pelo seu videoclip para um tema dos Basement. Seabra executou uma animação que revela ideias, recursos e talento, embora a projecção digital sofresse algum défice de qualidade.

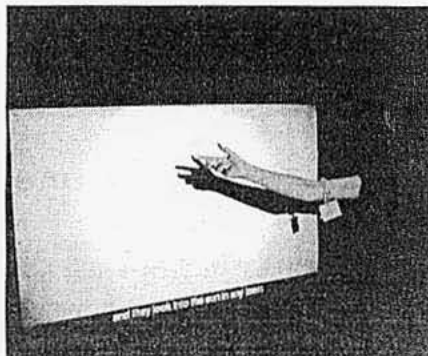
De resto, o outro videoclip medalhado, com o Grande Prémio Video Musical, «Song with no Words» dos finlandeses Kalle Kotila e Tomi Malakias (para um tema do grupo Sweatmaster) também perfilha - e bem - os caminhos da animação, claramente o sector a destacar no



Aspecto do admirável espaço que constitui o Solar – Galeria de Arte Cinemática.

programa deste verão vilacondense, e com três triunfos mais a realçar: «Watermelon Love», de Joji Koyama (Reino Unido), serena divagação erótica 'geisha com melancia' (como indica o título) obteve o Grande Prémio

Animação, bem secundária, Menção Honrosa a «Cosmos» de Diffan Sina N (Malásia), fantasia gal também com um toque sobre uma casadoira malaia que vai em missão



Aspectos da Video-Instalações «Dissolution Film Portraits», patentes no Solar – Galeria de Arte Cinemática Solar até 28 de Agosto.

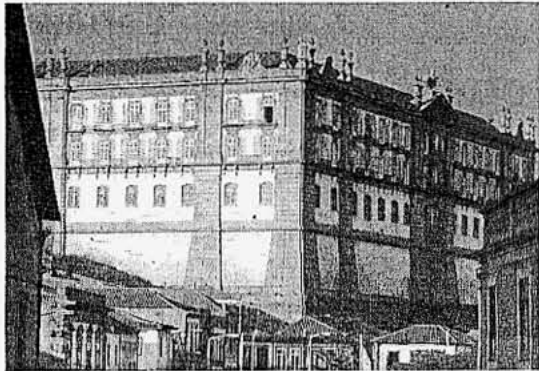
Cosmos» de Diffan Sina Norman (Malásia), fantasia galáctica também com um toque sexual, sobre uma casadoira moça malaia que vai em missão espacial-especial com vários cosmonautas russos. Também justíssimo prémio para a americana «Guard Dog» de Bill Plympton, em que vemos a obsessão do cão pela segurança do seu amo tornar-se mortal para este.

Sucessos bisam por boas causas

«Guard Dog» foi uma das três películas escolhidas para o «Prémio 2: Onda Curta», e que portanto serão exibidas no conhecido programa da RTP. As restantes foram o musical-burlesco «Cut», de Royston Tan - que apresenta uma hilariante crítica à prática da censura estatal no seu país, Singapura, pelo que é legítimo perguntar se alguma vez aí será exibido - e «The Russel Tribunal», documentário sueco de Staffan Lamm, que resgata imagens de um julgamento internacional contra o uso de armas de grande potência destrutiva (napalm, bombas de fragmentação, etc) pelas forças armadas americanas, contra civis, durante a Guerra do Vietname. O sentido de oportunidade e pertinência devido à ocupação militar do Iraque é evidente, mas o facto de todas as imagens serem da época retira-lhe uma actualidade visual que exigiria mais esforço ao realizador.

Além, de forma geral os documentários, apesar de impressionarem, acusaram todos este defeito - a falta de uma ponta final de acutilância, um nervo radical de diferença e sobressalto, para além do registo muito televisivo de reportagem em condições adversas e sob vigilância policial ou militar: foram os casos de «Prostitution Behind the Veil», também da Suécia, realizado por Nahid Persson (Prémio da Audiência JN) e de «Detail», de Avi Mograbi, de Israel, com uma Menção Honrosa Documentário, dois filmes onde os respectivos directores não hesitaram em mostrar como o seu trabalho foi fiscalizado *in loco* pelas autoridades encarregadas. O último exemplifica a crueza do que pode ser uma situação quotidiana entre militares hebraicos e civis palestinos. O primeiro, mais complexo e aturado, é uma denúncia pungente da farsa moral, hipocrisia e injustiça sociais instaladas no regime islâmico do Irão, que persegue e oprime os seus cidadãos, sobretudo as mulheres, interferindo constantemente nas suas vidas privadas, mas permite os casamentos de conveniência e formas de semi-prostituição («sighes») perfeitamente legalizadas. A obra, contudo, peca por não se empenhar a fundo em indagar os motivos e a conjuntura que configuram esta situação, centrando-se apenas nas suas consequências para a existência individual.

Um pouco melhor, pela frescura das ideias, mas também sem atingir o patamar da obra prima, reconhecemos ao júri o Grande Prémio Documentário Manoel de Oliveira conferido a «Dimmer», de Talmage Cooley, também dos Estados Unidos.



O Palácio Barroco de Vila do Conde visto desde a Praça da República.

Trata-se de um ensaio sobre a cegueira, ou seja, sobre a integração social e laboral dos cegos e também sobre o que pode compor a especificidade de uma cultura própria capaz de ser desenvolvida pelos jovens invisíveis. É filmada num sóbrio preto e branco e conta com banda sonora instrumental dos Interpol, que para estes efeitos até servem aceitavelmente.

Prémios praticamente todos passados em revista, só falta citar o Grande Prémio Experimental, que foi para o austríaco Peter Tscherkassky e o seu «Instructions for a Light and Sound Machine». Adeptos que somos do experimentalismo, acompanhámos com bons olhos os efeitos e a sobreposição de imagens e do som, em preto e branco e negativo, a resvalar para a video-arte. No entanto, os 17 minutos são excessivos, acabam por saturar as dioptrias do espectador.

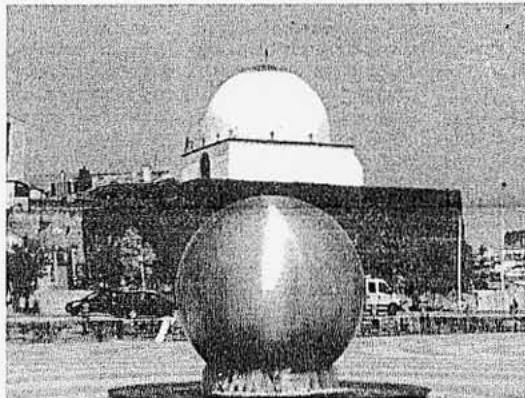
Recomendações finais

Depois de domingo, 10, se terem exibido, no Auditório vilacondense, em três sessões diferentes, todas as curtas premiadas, cujo testemunho aqui deixámos, estas circularão durante o corrente mês em extensões por outras cidades, nomeadamente Porto, Lisboa e Faro.

Relembramos e recomendamos também a quem possa, que a exposição inaugurada no âmbito do festival - «Dissolution Film Portrait», com instalações por Manon de Boer e Siegfried Fruhauf, continuará patente até finais de Agosto no Solar - Galeria de Arte Cinemática de Vila do Conde, um espaço assaz cativante, que só pela

arquitectura já merece visita.

Atenção também, no Porto, à programação da Casa da Animação e do Cinema Passos Manuel (no edifício do Coliseu), associada também à Agência da Curta Metragem, que organiza e gere o melhor festival português de Curtas Metragens.



As ruas de Vila do Conde combinam monumentos antigos com arte pública contemporânea.

Curtas - outros altos e baixos

* Além das secções competitivas, a 13ª edição do Curtas de Vila do Conde contemplou outros programas, dos quais se impõe destacar «Made in Japan», um pacote de actividades nipónicas que incluiu filmes, vídeos, eventos musicais, artes audiovisuais e jogos electrónicos. A organização apostou também fortemente nos filmes-concertos. O vórtice de ligação

entre estes dois eixos deu-se no sábado, 9, após a cerimónia dos galardões, com a actuação do quarteto de Erik Truffaz, musicando ao vivo a primeira longa-metragem de Yasujiro Ozu, «I was born, BUT...», (1932) um bellissimo filme onde dois irmãos, ainda crianças, têm a sua primeira crise existencial através da violenta descoberta do hiato que existe entre a lei da natureza e as hierarquias sociais.

* Nan Goldin não veio. A conceituada artista plástica norte-americana tinha aceite o convite do Festival para integrar o Jurado das secções oficiais, mas por motivos de saúde afinal não compareceu. Foi substituída pelo português João Pedro Rodrigues, realizador do saudoso «O Fantasma». Nos bastidores dizia-se que assumiu protagonismo na hora das decisões.

* A oferta gastronómica em Vila do Conde é variada e apetecível. Mas a maior parte dos restaurantes não soube ainda adaptar-se ao *after hours* para a semana do Festival. Talvez o volume de clientes não justifique as horas extra. Ou talvez devesse a

organização acautelar os horários; começando as sessões da noite mais tarde (22h), para permitir um jantar mais desafogado aos festivaleiros.

* Num certame como o vilacondense, são normais os atrasos. Nestas situações, o público espera pacientemente o tempo que for preciso até que seja dada ordem de entrada. Mas se a sessão começa a horas, e é o espectador que tem o azar de chegar um minuto atrasado, então, nada a fazer, a entrada é-lhe vedada até à próxima curta.

* Poucas cidades portuguesas poderão reclamar ser mais belas que Vila do Conde, mas menos ainda poderão orgulhar-se de ter as ruas dos seus centros históricos tão perfeitas e arranjadas como a urbe onde desemboca o Ave. É um prazer passear em Vila do Conde, e outro tanto pela marginal até à Póvoa de Varzim. Só é pena as águas do rio continuarem tão negras. Neste sentido, que em plena pré-campanha eleitoral, um dos candidatos à autarquia apresente um enorme cartaz numa fachada da Praça da República, contigua ao Festival, invocando «transparência»... parece brincadeira de mau gosto.

13ª CURTAS VILA DO CONDE FESTIVAL INTERNACIONAL DE CINEMA INTERNACIONAL FILM FESTIVAL

PRÉMIOS COMPETIÇÃO NACIONAL

MELHOR CURTA METRAGEM PORTUGUESA
DOCUMENTO BOXE DE MIGUEL CLARA VASCONCELOS
PRÉMIO TÓBIS PARA O PRODUTOR TEATRO NAO
PRÉMIO KODAK PARA O PRODUTOR TEATRO NAO
THE JAMESON SHORT FILM AWARD PARA O REALIZADOR MIGUEL CLARA VASCONCELOS

MENÇÃO HONROSA
PARA A SERPENTE DE SANDRO AGUILAR

PRÉMIO PARA A MELHOR CINEMATOGRAFIA AIP
PATROCINADO PELA AIP/ KODAK
PARA MIGUEL SALES LOPES
PELO FILME A RAPARIGA DA MÃO MORTA DE ALBERTO SEIXAS SANTOS

PRÉMIO JOVEM CINEASTA PORTUGUÊS IPJ
PATROCINADO PELO INSTITUTO PORTUGUÊS DA JUVENTUDE
PARA JOÃO SEABRA PELO FILME BASEMENT VIDEOCLIP

PRÉMIOS COMPETIÇÃO NACIONAL E INTERNACIONAL

PRIX UIP VILA DO CONDE MELHOR CURTA METRAGEM EUROPEIA
PATROCINADO POR UIP/EFA
A SERPENTE DE SANDRO AGUILAR (PORTUGAL)

2: ONDA CURTA (ex-aequo):
DETAIL DE AVI MOGRABI (ISRAEL)
GUARD DOG DE BILL PLYMPTON (EUA)
THE RUSSELL TRIBUNAL DE STAFFAN LAMM (SUÉCIA)

GRANDE PRÉMIO FICÇÃO CIDADE DE VILA DO CONDE
PATROCINADO PELA CÂMARA MUNICIPAL DE VILA DO CONDE
UN CAMION EN RÉPARATION DE ARNAUD SIMON (FRANÇA)

MENÇÃO HONROSA: CUT DE ROYSTON TAN (SINGAPURA)

GRANDE PRÉMIO DOCUMENTÁRIO
«MANOEL DE OLIVEIRA»
PATROCINADO PELO GOVERNO CIVIL DO PORTO
DIMMER DE TALMAGE COOLEY (EUA)

MENÇÃO HONROSA: DETAIL DE AVI MOGRABI (ISRAEL)

GRANDE PRÉMIO ANIMAÇÃO
WATERMELON LOVE DE JOJI KOYAMA (REINO UNIDO)

MENÇÃO HONROSA: WANITA COSMOS DE DIFFAN SINA NORMAN (MALÁSIA)

GRANDE PRÉMIO EXPERIMENTAL
FNAC PATROCINADO PELA FNAC
INSTRUCTIONS FOR A LIGHT AND SOUND MACHINE
DE PETER TSCHERKASSKY (ÁUSTRIA)

GRANDE PRÉMIO VÍDEO MUSICAL
SONG WITH NO WORDS DE KALLE KOTILA/TOMI MALAKIIS (FINLÂNDIA)

PRÉMIO DA AUDIÊNCIA IN PROSTITUTION BEHIND THE VEIL DE NAHID PERSSON (DINAMARCA/SUÉCIA)

PRÉMIOS TAKE ONE! PATROCINADO POR SONY
AGÊNCIA DA CURTA-METRAGEM e RTP
2: ONDA CURTA
CTRL+ALT+FLY DE VITOR SANTOS (INST POLITÉCNICO DO PORTO)
E DUAS PESSOAS DE JOÃO SALAVIZA (MENC) (ex-aequo)

MENÇÃO HONROSA: THE DEAD FLAG BLUES DE JORGE RAFAEL OLIVEIRA



Bem arranjada, a marginal que liga Vila do Conde à Póvoa de Varzim permite belíssimos passeios em bicicleta.